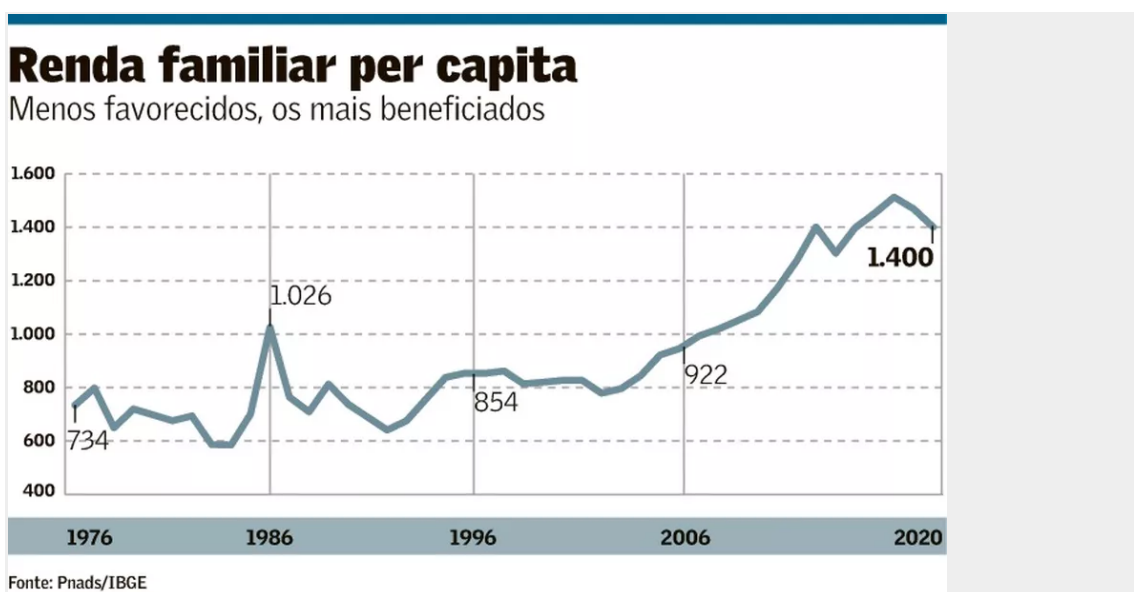


O padrão de vida dos brasileiros

Naércio Menezes Filho

Valor, 16/07/2021

Trabalho em casa e as compras pela internet vieram para ficar



Apesar da grave crise atual, às vezes é necessário nos afastarmos um pouco dos problemas conjunturais para termos uma visão de longo prazo da economia brasileira. Nesse sentido, é importante entendermos como evoluiu o padrão de vida dos brasileiros nas últimas décadas. Usando as informações sobre a renda familiar per capita disponíveis nas pesquisas domiciliares, podemos responder perguntas importantes. O que aconteceu com o padrão de vida do brasileiro ao longo do tempo? Quais foram os principais determinantes dessa evolução? O que podemos fazer no futuro para melhorar ainda mais a vida dos brasileiros?

A figura ao lado mostra como evoluiu a renda familiar per capita em termos reais nos últimos 45 anos no Brasil. Podemos notar que durante o período inflacionário (1976-1993) a renda variava inversamente com a inflação, flutuando em torno de R\$ 700. A exceção foi o ano do plano Cruzado (1986), que trouxe um forte aumento de renda com o que parecia ser o fim da inflação, mas que foi uma ilusão passageira. O fim da hiperinflação ocorreu em 1994 com o Plano Real, que aumentou a renda em 25% de forma permanente.

É preciso conjugar aumentos do salário - mínimo com reformas que permitam aumentar a produtividade

Entre 1995 e 2003 o padrão de vida permaneceu constante. A partir de 2004, porém, a renda per capita começa a aumentar continuamente (com exceção da crise de 2015), até atingir o pico de R\$ 1.500 por pessoa em 2018. O padrão de vida do brasileiro praticamente dobrou nesse período. Uma família de 4 pessoas, que ganhava R\$ 3.100 em 2003, passou a ganhar R\$ 6.000 em 2018. Este aumento de renda ocorreu em todas

as classes sociais, mas foi muito mais forte entre os mais pobres. Assim, a desigualdade diminuiu.

Vale notar que a crise econômica que ocorreu a partir de 2015 não reverteu os ganhos na renda média obtidos pelos brasileiros até 2014. A renda média só começou a cair a partir de 2019, declinando mais fortemente com a pandemia. O padrão de vida dos menos favorecidos, porém, foi bastante afetado pela crise recente. A renda per capita dos 10% mais pobres, que tinha aumentado 170% entre 2003 e 2014, caiu 37% entre 2014 e 2019. Em 2020, aumentou novamente com o auxílio emergencial, passando de R\$ 100 para \$ 230 num só ano. Montanha russa.

O que pode explicar o forte aumento no padrão de vida do brasileiro desde meados da década de 2000? Vários fatores explicam esse crescimento, alguns conjunturais, outros estruturais. Os fatores estruturais decorrem das mudanças demográficas e sociais. A transição demográfica provocou uma diminuição do número de pessoas em cada família (as “capitas” do denominador). Além disso, o aumento da parcela de mulheres que trabalham fora de casa gerou uma fonte adicional de renda para as famílias. Por fim, o aumento da escolaridade média dos brasileiros mais pobres também contribuiu bastante para o crescimento da renda.

O fator conjuntural mais importante foi o valor real do salário-mínimo, que aumentou 75% entre 2003 e 2018. Várias pesquisas mostram que o salário-mínimo foi um dos principais determinantes da redução da desigualdade que houve neste período e que seu aumento transbordou para a classe média. Além disso, o salário-mínimo é o indexador das aposentadorias rurais e do Benefício de Prestação Continuada, ou seja, o seu valor tem bastante impacto na renda dos brasileiros mais pobres.

Será então que devemos continuar aumentando fortemente o salário-mínimo para sempre, independentemente das circunstâncias? Não necessariamente, porque grandes elevações do salário-mínimo também têm efeitos colaterais negativos. Pesquisas sugerem que o aumento no valor do salário-mínimo provocou uma redução no trabalho com carteira assinada, dificultou a contratação de jovens menos qualificados e piorou as finanças públicas, já que vários componentes dos gastos públicos são indexados ao mínimo.

Além disso, nem sempre o salário real acompanha os movimentos do salário-mínimo. O salário médio diminuiu entre 1995 e 2003, por exemplo, apesar do salário-mínimo também ter aumentado nesse período, porque uma sucessão de crises fez com que o país passasse por um período de baixo crescimento, que aumentou o desemprego. Assim, um ambiente externo favorável ajuda o salário-mínimo a cumprir seu papel de elevar a renda e reduzir a desigualdade.

O fator que mais dificulta o crescimento sustentado da renda do brasileiro no longo prazo é a estagnação da produtividade. A produtividade aumentou somente 15% entre 1995 e 2018, em comparação com um aumento de 38% no salário médio e de 100% no salário-mínimo. Em outras palavras, foi necessário dobrar o salário-mínimo para conseguirmos um aumento 38% no salário médio, que, por sua vez, aumentou a renda per capita em 80%, com a ajuda dos fatores estruturais.

Em suma, o padrão de vida dos brasileiros melhorou nos últimos 45 anos, à taxa de 1,5% ao ano, especialmente com o plano real e marcadamente no período entre 2004 e 2018. Esses ganhos decorreram principalmente do aumento do salário-mínimo, auxiliado por fatores demográficos e bons ventos externos. O salário-mínimo é como

um remédio forte, que diminui a desigualdade, geralmente aumenta os salários e a renda per capita, mas deve ser usado com moderação, porque tem efeitos colaterais.

Para aumentar mais rapidamente o padrão de vida da população brasileira no longo prazo, sem depender de fatores externos e evitando efeitos colaterais, é necessário conjugar aumentos do salário-mínimo com reformas institucionais, igualdade de oportunidades e melhorias na qualidade da educação, que permitam aumentar a produtividade da economia brasileira.